

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Caminhos de cactos e espinhos: quando corpos femininos atravessam o sertão contemporâneo

Mayara Alexandre Costa¹
UFRJ
macosta3010@gmail.com

Resume: Através da deriva da personagem Hermila do filme *O céu de Suely* este trabalho irá analisar a maneira como se edifica uma cartografia que desloca o imaginário dominante sobre outro território que também é local da diferença: o sertão nordestino. Inscrito tradicionalmente nas narrativas brasileiras como um locus que caracteriza uma dada situação nacional, erigido sob uma forte tradição patriarcal, o sertão que figura nestas narrativas é recortada por sujeitos do feminismo não normativos e apresentado através de componentes contemporâneos que o atravessam. Movimento que nos leva a interrogar os discursos cristalizados sob os quais estão envoltos estes territórios políticos, geográficos e subjetivos.

Palavras chave: Imaginário do sertão – Gênero – Cinema

Resumen: A partir de la deriva del personaje femenino Hermila de la película *El cielo de Suely*, este trabajo analiza la manera cómo se construye una cartografía que disloca el imaginario dominante sobre otro territorio que también es lugar de la diferencia: el sertón brasileño. Tradicionalmente inscrito en las narrativas brasileñas como un locus que representa una dada situación nacional, erigido bajo una fuerte tradición patriarcal, el sertón en el *El cielo de Suely*, y otras producciones recientes, es cortado por sujetos femeninos no normativos y presentado a través de componentes contemporâneos que lo atraviesan. Movimiento que nos lleva a interrogar los discursos cristalizados en el que se envuelven estos territorios políticos, geográficos y subjetivos.

Palabras clave: Sertón – Cinema – Género

Uma jovem ocupa de corpo inteiro a tela do cinema num filme que percorre o sertão brasileiro contemporâneo: *O céu de Suely*. O “corpo inteiro” referido se remete à maneira literal como seu corpo é trazido a primeiro plano nesta obra. Hermila é uma jovem pobre que tenta se livrar dos sistemas de submissões que lhes são impostos, procurando reinventar a própria vida.

¹ **Mayara Alexandre Costa** é mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Enquanto rompe com determinados papéis de gênero, subvertendo as expectativas sociais que pesam sob o corpo: a maternidade, a casa, o amor romântico, a dependência econômica de uma figura masculina, se enreda em outras teias inesperadas.

A trajetória de Hermila está marcada por um cambiante movimento de mobilidade e imobilidade. Ao inserir o movimento, como algo latente na trajetória da personagem e no espaço percorrido por ela, essa obra interroga discursos cristalizados sob os quais estão envoltos determinados territórios geográficos, políticos e subjetivos. É caminhando, projetando seu corpo para um devir que a encontraremos delineando diversas trajetórias por dentro do sertão² e para além dele.

Para Michel de Certeau: “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares” (172), território pisado e repisado por coronéis, vaqueiros, cangaceiros e sertanejos, homens que mesmo quando não ocupam espaços de poder possuem direito de ir e vir, de se deslocar sem dar satisfações, o sertão nordestino foi predominantemente moldado sob uma cartografia masculina.

Regina Dalcastagné observa que nas narrativas brasileiras contemporâneas majoritariamente as mulheres são apagadas dos espaços públicos como se não tivessem nada a dizer da vida nesses lugares. Para ela, não temos a menor ideia de como as mulheres veem o espaço da cidade. Até mesmo em narrativas de autoria feminina “as mulheres costumam estar circunscritas ao espaço da casa, aonde irão se desenrolar seus dramas e, quando possível, suas alegrias” (124).

Em capítulo intitulado “A fala dos passos perdidos”, Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano* vai propor uma forma de observar as singularidades da cidade ao rés do chão. Os jogos dos passos seriam os

2 O sertão nordestino aqui é pensado como resultado da construção de um “mapa dominante” ao longo do séc. XX que cartografou determinados aspectos desse território, ora apostando na sua potência utópica, ora distópica. Nele, o sertão foi encarado como o índice sumarizado da região nordeste, o lugar para onde se deve ir para recuperar a identidade nacional originária, e de onde se deve fugir para sobreviver. Diversas produções artísticas foram responsáveis por agenciar um controle sobre os discursos e imagens considerados específicos dessa região. Ela se tornou um recorte de características típicas, dotado de uma identidade uniforme, determinada pelo território e infensa aos influxos externos.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



movimentos responsáveis pela modulação dos espaços, pela tessitura dos lugares, uma espécie de fala, enunciação. Uma tessitura que por estar em constante movimento, nunca se fecha ou se completa, marcada pela motricidade dos pedestres que provoca erosões na visão panóptica do espaço. É através do jogo dos passos que elementos "multiformes, resistentes, teimosos" escapam à disciplina que o espaço impõe.

É na experiência passante, cujo corpo obedece aos entrelaçamentos das trajetórias, às alterações dos espaços, propiciando um olhar de estranheza constante para o cotidiano, que encontraremos Hermila caminhando pelo sertão. Ato que age tanto na reconfiguração identitária do território sertanejo como na da própria personagem. Na medida em que circular pelas ruas propicia a busca por si própria:

O gesto de se deslocar favorece a reflexão, a tomada de consciência de si mesmo e de suas relações com o Outro. Deslocar-se é descolar-se dos parapeitos das certezas identitárias, é ousar sair dos lugares pré-estabelecidos e previsíveis. (Porto *Circulações* 74)

A escolha por deflagrar um espaço rente ao chão recusa também o que Certeau nomeia como "olhar de deus" posição privilegiada à distância, que possibilita uma "visão de conjunto", um olhar "divino" que exhibe o espaço em sua totalidade. O sertão passa a ser um lugar específico, fragmentado na trajetória individual, e não mais um espaço alegórico e coletivo, territorialidade que reúne características que definem uma situação nacional/regional. Os espaços apresentados no enalço da personagem são espaço-passagens, atravessados por um curto-circuito de significados. Este lugar, assim como as subjetividades dessa personagem, aparece em intensa mutação.

Vemos que diferente das expectativas que rondam a volta das narrativas ficcionais a este espaço, ele não seria uma reserva utópica resistente ao mundo globalizado, espaço caracterizado pela clausura e pela distância de outras comunidades envolto em práticas específicas isoladas, mas sim um lugar completamente enredado na lógica do projeto internacional de invasão capitalista. Com uma rede comercial intensa, uma trama de transportes

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



urbanos que garantem mais mobilidade e comunidades inseridas numa rede de consumo, adaptando demandas do mercado às suas condições locais.

No filme *O Céu de Suely*, a personagem Hermila ao retornar à cidade de Iguatu – interior do Ceará – começa a trabalhar de maneira informal vendendo rifas de *whisky* importado pelas ruas. Para oferecer o produto a personagem entra sem pedir licença e sem maiores constrangimentos em espaços majoritariamente frequentados por homens: bares, postos de gasolina, pontos de jogos. A disparidade entre o número de homens e mulheres que frequentam estes espaços revela que ainda prevalece uma dicotomia espacial estrita nas pequenas cidades do sertão. A intrusão da personagem nestes espaços enfrenta a ideia de que há espaços próprios ou impróprios para um gênero específico.

É na trajetória da personagem, que caminha pela cidade não apenas em atividades laborais, mais também em momento de lazer e reflexão, que nos transportamos por um sertão entre-lugar, espaço-passageiro por excelência, tanto pela quantidade de símbolos que suscitam a ideia de deslocamento que lhe atravessam - Trens, estradas, motos, bicicletas, os postos de gasolina que a personagem frequenta - como também pela quantidade de objetos que flutuam pelo espaço sertanejo: camelôs que tomam as ruas com produtos *made in China*, caça-níqueis e karaokês que animam as festas onde se ouve forró elétrico.

Hermila espera em Iguatu a volta do pai de seu filho, Mateus, que ficou para trás para concluir algum negócio e organizar o material necessário para reprodução de cd's, dvd's e jogos eletrônicos piratas que pretendem vender na feira livre de Iguatu. Entretanto, sem dar maiores explicações o marido não retorna. Hermila, enquanto vive a angústia da falta de notícias e a lenta desintegração do seu pequeno projeto familiar, também sente pouco a pouco que Iguatu não é mais sua "casa".

Stuart Hall, aborda a dificuldade sentida por muitos que retornaram a seus espaços de origem após a experiência de migração. Do contrário das expectativas criadas em relação ao reencontro com o lugar originário, a

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



sensação de volta foi cerceada por uma forte impressão de perda e estranhamento: “Muitos sentem que a terra tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas” (27). O sujeito migrante é atravessado por elementos que o modificam em trânsito, porém, do mesmo modo, o espaço de partida sofre alterações, muito embora acostumamo-nos a pensá-lo como um referente fixo.

No filme *O céu de Suely*, o processo de identificação e desidentificação ocorre tanto com Hermila - a princípio pela perda do projeto que a levava de volta à cidade- como também com o espectador que, ao voltar ao sertão através do recorte transmutado pelo filme, encontra tessituras inusitadas desse território que assim como a própria personagem que o atravessa, também está “em trânsito”.

Abandonada por Mateus, os vínculos com a tia e a avó já não são suficientes para convencer Hermila a permanecer na cidade. O dilaceramento da ideia de “casa” se intensifica, na medida em que a personagem segue perambulando esquiza pelas ruas de Iguatu. Embora Hermila encontre um antigo namorado ainda apaixonado e esteja rodeada de referências que deveriam religar seu sentimento de pertencimento ao local, o desapego ao lugar e a necessidade de ir embora são maiores que a vontade de reatar um sentido de familiaridade perdido. Sentimento que faz com que sua trajetória siga em espiral: o que seria uma viagem de retorno se transforma no início de uma nova partida.

O espaço da casa nos processos de deslocamento costuma ser entendido como um lugar que articula um ponto de partida e um ponto de chegada. Ela é aquilo que imaginariamente melhor representa o sentido de fixidez e segurança. Boaventura de Sousa Santos, ao rememorar a viagem clássica na cultura ocidental, lembra que o motivo da viagem é falocêntrico. A casa é definida como *oikos*, que significa “lugar destinado à mulher”. A versão arquetípica é a *Odisséia* na qual a doméstica Penélope espera Ulisses por

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



anos: “sua espera é a metáfora da solidez do ponto de partida e de chegada e o que garante a possibilidade da viagem de Ulisses” (13).

Ao pôr a protagonista em trânsito como um corpo feminino insubordinado que resiste a ocupar um espaço que lhe é destinado, o filme ataca frontalmente o falocentrismo da viagem. Hermila recusa nesse entremeio não apenas um lugar imposto como também a maternidade e a promessa de um novo amor, ou seja, todos os referentes que poderiam enraizá-la de algum modo ao lugar.

A maternidade, preconizada como uma dádiva natural da mulher, cujo ofício é visto como algo que desperta um amor incondicional e, por conseguinte, a abnegação das escolhas pessoais, aparece matizada pela personagem, que se opõe à determinação que pesa sob seu corpo. O filme não mascara os percalços provocados pela maternidade precoce e expõe as dificuldades de assumir sozinha a criação do filho após o pai da criança desaparecer. Numa sociedade ainda excessivamente patriarcal que naturalizou a ideia de que as mulheres devem cuidar da prole enquanto os homens podem partir livres – como fica exposto na fala da mãe de Mateus, que libera o filho moralmente para seguir livre da teia familiar – tem sido incomum a aparição de personagens que quebrem esse padrão.

Desiludida da ideia de que um relacionamento amoroso seria solução para sua vida, bem como, do itinerário-clichê que recolocaria São Paulo e Rio de Janeiro como único trajeto possível para uma nordestina, Hermila desvia dos mapas e caminhos óbvios já perquiridos e resolve traçar uma outra trajetória para sua vida. Decide, portanto que quer ir pro lugar mais longe que fosse possível pagar. Apresenta-se como rota Porto Alegre.

Entretanto, se o céu que cobre o horizonte de Hermila parece ilusoriamente próximo e acessível a qualquer pessoa, o voo que a personagem insiste em alçar – a chegada a um “porto alegre” - esbarra constantemente na superestrutura que a rodeia. Como as frequentes pipas enquadradas nas imagens deveriam voar ao longe, mas se enroscam nos fios elétricos que

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



volteiam no alto, o deslocamento, o voo “livre” da personagem, está sempre obstaculizado pelos fios externos que impõem limites a sua deriva.

São as injunções dominantes que tentam conformá-la aos espaços determinados, que leva Hermila à situação-limite de rifar o próprio corpo para comprar a passagem para o lugar mais longe dali. O filme exhibe a trajetória oscilante da personagem que se debate entre a sujeição às esferas mais opressivas do poder que a cerceia e as estratégias de enfrentamento a ele. Do mesmo modo que a personagem se desvia dos símbolos imóveis e das conformações identitárias fixas, tentando projetar seu corpo para um novo, um devir, Karin Ainouz em *O céu de Suely* foge da “terra”, da paisagem dura e ressequida, na tentativa de inverter os símbolos que animam o sertão, mirando no seu lugar o céu como paisagem que suscita movimento e transformação.

Bibliografia

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer*. Trad. Mariza Romero. Petrópolis: Vozes, 1998.

Dalcastagné, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.

Galvão, Walnice Nogueira. “Metamorfoses do sertão”. In *Estudos Avançados*, 18 (52), pp. 375-394, 2004.

Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

Porto, Maria Bernadette, “Circulações urbanas” In: Zilá BERND (Org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis Editora, pp. 67-87, 2010.

Santos, Boaventura de Sousa. *A queda de ângelus novus*. RCCS nº 45, Coimbra, 1996, pp.5-32.